As redes políticas de solidariedade na América Latina

Maria Cláudia Badan Ribeiro [1]

1. Introdução

Este texto destina-se a apresentar as redes de solidariedade revolucionárias que existiram no exterior durante o regime militar brasileiro, quando pessoas ou grupos estabeleceram laços de cooperação e ajuda em países da América Latina, Europa e África. Nossa preocupação foi a de mostrar de que forma estas redes se inseriram na resistência à ditadura, em que consistiu esta solidariedade e quais acordos políticos elas originaram.

É importante destacar que o conceito de solidariedade foi empregado aqui como parte de uma cultura política de uma época e também dentro das relações de poder vigentes. Sabemos que a noção de solidariedade é permeada de ambiguidades e que suas manifestações ou mudanças de sentido ocorreram de acordo com as dinâmicas históricas.

Solidariedade poder ser definida como um laço ou ligação mútua entre duas ou mais pessoas, como o sentimento de simpatia, ternura ou piedade para com os pobres e injustiçados ou como assistência moral oferecida às pessoas em momentos difíceis. Pode ser também entendida enquanto uma identidade de sentimentos, de ideias e doutrinas, como uma comunhão de atitudes ou enquanto mutualidade de interesses e deveres. A ideia de solidariedade está então indissociada da ideia de sociabilidade, assunto que ocupou muitos filósofos e sociólogos no passado e que, em sua vertente cristã, mantém relação com a ideia de fraternidade e de amor ao próximo, e com uma forma de justiça pautada em concepções religiosas (WEBER, [1904], 2001, p. 44-84).

Distante das práticas sociais caritativas ou benevolentes, o termo solidariedade adquiriu diferentes sentidos ao longo da História e em consonância com a compreensão do que era sociabilidade. A solidariedade aparece no passado como uma solidariedade cívica, no seu aspecto contratual enquanto acordo entre cidadãos e Estado na garantia de direitos civis, direito à vida, à propriedade, à justiça e à liberdade de pensamento e movimento. Está expressa enquanto base iluminista, tendo sido também evocada na Revolução Francesa como parte de um ideal universalista.

---

1 Pesquisadora Colaboradora da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: bribeiro@unicamp.br. Este texto é resultado de um ano de pesquisa de Pós-doutorado realizada junto ao Instituto de Altos Estudos da América Latina (IHEAL/Sorbonne) com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Processo n° 9593-11-0. A investigação teve continuidade junto ao Departamento de Sociologia da Universidade Estadual de Campinas (IFCH/Unicamp).

Somente um século mais tarde é que o termo se inscreve num campo de disputa, quando a palavra solidariedade adquire nos séculos XIX e XX sentido de solidariedade política, sendo uma reivindicação da classe operária, de grupos sociais que encarnam juntos a luta contra um Estado opressor, denunciando sua natureza burguesa e seu caráter de árbitro das desigualdades (MARX, [1844], 1991, p. 50). O termo solidariedade passa então a ter novos contornos, identificando-se com a luta de classes, com a progressiva divisão social do trabalho (DURKHEIM, [1893], 1999) e inscrevendo-se na ideia de emancipação política e social (e não apenas civil) a partir de experiências comuns partilhadas entre grupos, associações e partidos políticos. O termo solidariedade passa então a se manifestar enquanto identificação coletiva de doutrinas e interesses, apoiado na ideia de uma comum situação de exploração e de injustiça (ZOLL, 2007, p. 55-82).

Se a solidariedade no passado se apresentava como um instrumento de acesso à *res-publica*, neste trabalho ela aparece como um gesto individual ou coletivo, de transformação da sociedade, como parte de uma oposição política feita por forças revolucionárias num contexto de opressão, como foram as ditaduras civis-militares na América Latina.

A linha mestra deste trabalho é mostrar qual foi a dimensão internacional da luta brasileira, suas relações estruturais e operacionais no exterior a partir de um enfoque que ultrapasse a simples sobrevivência física dos protagonistas ou aspectos ligados particularmente ao trauma e ao sentimento de estar exilado. Quisemos mostrar até que ponto e de que modo o projeto político radical sobreviveu.

A presente pesquisa dialoga com outras produções acadêmicas sobre o exílio político, mas pretende indicar também, novas formas de abordagem indicando novas fontes, temáticas, e estudos específicos sobre o assunto que levem em consideração a construção de estruturas políticas paralelas, difusas ou exteriores ao corpo tradicional do Partido, da Igreja, dos Sindicatos e que estiveram na origem da emergência de uma variedade de movimentos revolucionários que existiram naqueles anos. Se estas estruturas em sua liberdade de movimento não deixaram de estabelecer laços com os mecanismos tradicionais, souberam por outro lado, denunciar seu esgotamento diante de períodos de francas mudanças históricas.

Cabe ressaltar aqui que as forças de esquerda também não eram homogêneas e a colaboração fornecida aos militantes políticos no Brasil e no exterior atravessou atitudes também ambivalentes, pois a disposição em ajudar dependeu também de questões simplesmente de temperamento, de interesse intelectual, de questões familiares ou de generalizações de que era

necessário "proteger as vítimas da violência" para além de uma clara linha política adotada. Os acordos de cooperação foram realizados de maneira não oficial, dependendo, para existir, do mais completo sigilo.

Usamos o termo solidariedade neste texto enquanto uma categoria heurística para se pensar um conjunto diferente de experiências e comportamentos sociais mas, ao mesmo tempo, enquanto expressão de uma sociabilidade marcada pela oposição, estritamente política ou não, mas que dependeu essencialmente de uma escolha e de um compromisso.

2. A Rede franco-argelina *Solidariedade*

Como parte da luta anticolonialista surgiu em Paris um grupo chamado *Solidariedade*. Fundado em 1962 por ex-combatentes da Guerra da Argélia, tendo na figura de Henri Curiel seu principal líder e criador, a ideia da Rede *Solidariedade* surgiu de um acordo estabelecido entre Henri Curiel e Ben Barka, militante marroquino, chefe do movimento terceiro mundista e pan-africano[2]. Financiada pelos argelinos, em especial durante o governo argelino de Ben Bella[3], e tendo como base principal de suas atividades as cidades de Argel e Paris, a Rede funcionava em duas frentes: uma legal, de contornos caritativos e ligada a atividades de socorro emergencial junto a refugiados, e outra completamente clandestina.

Solidariedade não tinha posições políticas definidas, mas se defendia como uma central de ajuda aos movimentos de libertação no mundo. O próprio Henri Curiel tinha suas origens no Terceiro Mundo e conhecia de perto a miséria de seu povo egípcio (PERRAULT, 1984, p. 91). O ecletismo do grupo pode estar na origem de sua longa existência, que se calcula em dezesseis anos de atuação até o assassinato de Henri Curiel, em 1978[4]. Como afirmou uma de suas integrantes, a genialidade de Henri Curiel foi a de reunir pessoas que vinham de horizontes políticos diferentes, mas que podiam ajudar os "mais fracos". Como Curiel afirmava, "aqueles que combatem merecem ser ajudados (ROGALSKI, 1998, p. 163)".

2 A partir de 1964 começou a se organizar a Conferência Tricontinental, prevista de ocorrer no ano seguinte em Cuba. Ben Barka era o grande líder desta Conferência, tendo sido designado seu presidente. Foi a Rede *Solidariedade* que, em contato com a América Latina lhe forneceu as informações para o convite oficial aos dirigentes do continente. Seu sequestro e desaparecimento no ano na Brasserie Lipp em Paris foram realizados, como veio a se comprovar posteriormente, pelos serviços secretos americanos com a cumplicidade da polícia marroquina e do SDECE francês (Os serviços secretos franceses). (PERRAULT, 1984, p. 132 e p. 135).

3 Após o golpe de Estado contra Ben Bella, o centro gravitacional da organização passou a ser Paris e o financiamento passou a ser feito por cotização entre os próprios integrantes de *Solidariedade* e outras organizações de ajuda ou simpatizantes de esquerda (Entrevista de Maria Amaral, Champigny, França, 08 de Maio de 2013). A substituição de Ben Bella por um coronel pouco entusiasta dos movimentos terceiro-mundistas provocou uma vaga de detenções e perseguições no país (PERRAULT, 1984, p. 142).

4 A Rede continuou atuando até o ano de 1981, quando seus remanescentes foram presos (ROGALSKI, Michel, 1998, p. 189).

Esta solidariedade internacional que encontrou sua expressão mais clara em figuras como Henri Curiel, Mehdi Ben Barka ou Ernesto Che Guevara, não representou, contudo, um ato de caridade indiferenciada, mas um apoio a forças que agiram movidas por ideais revolucionários. A estrutura de *Solidariedade* era diferente da máquina pesada dos partidos, em especial do Partido Comunista, mesmo que Curiel se assumisse como um comunista ortodoxo e fosse um entusiasta do governo russo[5].

Adolfo Kaminsky, um dos maiores quadros europeus de falsificação de documentos, atividade que teve sua origem durante a guerra quando ficou conhecido por salvar milhares de crianças judias, lembra-se das motivações para sua adesão à Rede, "o termo não existia ainda na época, mas eu era profundamente anticolonialista" (KAMINSKY, 2009, p. 105) Ele declara que via o projeto de falsificação de documentos como uma forma de fazer pressão sem entrar na engrenagem da violência, pois, como afirmou em seu livro:

> Por toda parte no mundo os povos lutavam pela liberdade. Depois dos dominicanos e dos haitianos, foi a vez do Brasil ficar sob o jugo de uma ditadura militar em 1964. Em seguida à Conferência Tricontinental de Havana em 1966, onde foi criada a Organização Latino Americana de Solidariedade (OLAS) […] que congregava os movimentos revolucionários da Argentina, Venezuela, El Salvador, Nicarágua, Colômbia, Peru, Uruguai, Chile unidos pela Revolução na América Latina […]. Todos esses países vieram se juntar à minha lista […] (KAMINSKY, 2009, p. 199)[6].

Solidariedade não se limitou apenas a providenciar alojamento, trabalho, documentos ou dinheiro aos exilados políticos, ela ajudou também a remobilizá-los prolongando as técnicas das organizações ou lhes ensinando outras. No início como constata uma de suas integrantes, as tarefas do grupo eram bastante simples, limitando-se a ajudar a retirar pessoas ameaçadas de seus países de origem ou a transportar objetos, passando posteriormente, a formar grupos de trabalho setorizados e especializados em explosão de pontes, em falsificação de documentos, em maquiagem, em comunicação, em tradução, em medicina[7].

Uma das primeiras tarefas da Rede *Solidariedade* foi auxiliar os militares desertores da Guerra do Vietnã. Depois, prestou sua ajuda aos Panteras Negras tendo se colocado à disposição da Tunísia, Venezuela e de grande parte dos movimentos de guerrilha da América Latina: Haiti, República Dominicana, Nicarágua, El Salvador, Brasil, Chile, Bolívia, Argentina. Os nacionalistas de

5 Henri Curiel foi desde cedo acusado de ser um agente da KGB (PERRAULT, 1984, p. 193-194). Depoimento de seu filho e jornalista francês, Alain Gresh afirma que a perfeita reprodução de documentos realizada pelo setor de falsificação da Rede, despertou muitas desconfianças sobre o grupo, ao ponto de *Solidariedade* ter sido associada aos serviços secretos russos (ROGALSKI, 1998, p. 164).
6 KAMINSKY, Adolfo. Entrevista [jun. 2013]. Entrevistador: Autor. Paris, 2013
7 AMARAL, Maria. Entrevista. [maio 2013]. Entrevistador: Autor, Champigny, França, 2012

Moçambique no seio da FRELIMO, de Angola e de Guiné-Bissau, também puderam desfrutar desta ajuda (PERRAULT, *1984*, p.109).

Reforçada por reconhecidas organizações caridosas que lhes serviam também de cobertura, quando contava com a simpatia de pastores protestantes, padres católicos, sindicalistas ou membros de outras associações (como Socorro Vermelho e CGT), *Solidariedade* dispunha de uma verdadeira retaguarda humana. Alguns conventos dominicanos também emprestaram seus estabelecimentos para abrigar quadros perseguidos, para a realização de reuniões ou para a preparação de quadros.

Todo ano, segundo nos informa Perrault, organizações humanitárias vertiam para *Solidariedade* somas variáveis, mas não desprezíveis de dinheiro, fruto da demonstração de uma notável generosidade. Toneladas de medicamentos, por exemplo, foram enviadas às crianças no Vietnã, através da colaboração de organismos como CIMADE[8], Liga dos Direitos do Homem e Movimento da Paz (PERRAULT, 1984, p. 148 e p. 231). França Terra de Asilo, por exemplo, surgiu da experiência adquirida por dois ex-integrantes da Rede *Solidariedade* de Curiel, no acolhimento a refugiados[9].

Se houve esta espécie de "globalização da revolução" por parte das forças de esquerda naqueles anos, as forças de direita tendo à frente os Estados Unidos, organizadas e disponibilizando de maiores recursos financeiros, foram as responsáveis pela criação das escolas de treinamento militar para a eliminação de toda e qualquer oposição política no continente, recorrendo à ideia de fronteiras ideológicas. Se o chamado "Grande Irmão" teve um papel fundamental na repressão na América Latina, outros países como Portugal e França, emprestaram seus especialistas para reprimir a luta de resistência[10]. Se houve cooperação francesa na luta contra a guerrilha no Brasil, as forças revolucionárias brasileiras também souberam utilizar as estruturas da esquerda clandestina francesa para impulsionar sua luta. Uma das figuras bastante conhecidas no Brasil e que integrou a Rede *Solidariedade* na Europa, foi o militante do PCBR Apolônio de Carvalho[11].

8 *Comité inter mouvements auprès des évacués*.
9 DE WANGEN, Sylviane Abou. [Jul. 2013]. Entrevistador: Autor, Paris, 2013.
10 O coronel salazarista Hermes de Araújo Oliveira, por exemplo, foi convidado a dar aulas sobre Guerra Revolucionária no Brasil, com passagens por Fortaleza, Rio de Janeiro e São Paulo. Paul Aussaresses, general francês, foi o responsável pela instrução das Forças Armadas brasileiras na Selva Amazônica transmitindo os ensinamentos adquiridos na repressão aos nacionalistas argelinos. Muitos ensaios nucleares conduzidos pela França em seus territórios d'outre mer serviram como pretexto para treinamentos e emprego de técnicas repressivas, transplantadas depois, por exemplo, no Panamá, sede da escola das Américas instalada por Washington para treinamento da luta antirrevolucionária (AUSSARESSES, 2008, p.141-162). Cf. ROBIN, Marie-Monique. *Escadrons de la mort, l'école française*. Paris: Éditions la Découverte, 2004.
11 Apolônio pertenceu às Brigadas Internacionais e lutou na Guerra Civil Espanhola. Na Resistência Francesa, combateu junto ao Francs-Tireurs et Partisans (FTP). No Brasil foi oposição à ditadura de Getúlio Vargas (1937-1945) e ao Regime militar (1964-1985) tendo pertencido ao Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR). Preso e enviado ao exílio em 1970 em troca da libertação do embaixador alemão Ehrenfried von Holleben, voltou ao Brasil com a Anistia ajudando a fundar o Partido dos Trabalhadores (PT).

Como afirmou a militante Maria do Amaral,

> […] o golpe de Estado no Chile nos mobilizou. *Solidariedade* criou um grupo especial, denominado *Grupo Jacques* para se encarregar de retirar militantes perseguidos e apoiar a resistência interna. Este grupo foi liderado por Apolônio de Carvalho que posteriormente se desentendeu com Curiel […] (PERRAULT, 1984, p. 286).

O braço da *Rede Solidariedade* na América Latina era assegurado pela presença no continente de Georges Mattéi[12], militante próximo da revista *Les Temps Modernes* e cofundador junto ao filósofo Francis Jeanson, da *Rede Jeanson*, que antecedeu a Rede de Henri Curiel em apoio à luta de libertação argelina.

Georges Mattéi manteve relações com Cuba, para onde se dirigiu em 1961 com a ideia de transformar Havana na capital de uma internacional latino-americana (GALISSOT, 2009, p. 118-119). Encontrou-se na ilha com Che Guevara, Fidel Castro, Carlos Franqui e Lisandro Otero (EINAUDI, 2004, p. 105). Também se deslocou por vários países como Venezuela (tinha relações de proximidade com Douglas Bravo a quem fornecia documentos), Argentina e Chile (GALISSOT, 2009, p. 120). Encontrou-se no Brasil, com Carlos Marighella algumas semanas após o golpe de Estado (EINAUDI, 2004, p. 120)[13]. Sobre o dirigente brasileiro ele escreverá mais tarde,

> […] guardei uma imagem de um homem tranquilo e bonito, totalmente estranho ao delírio exaltante de não sei qual mística do sacrif ício e do sangue. Ele se engajou na luta porque ele amava a vida e porque ele considerava que o dever de todo revolucionário é o de fazer a revolução. (EINAUDI, 2004, p. 139-140. Tradução do autor).

Passando por Recife, Mattéi não só visitou Dom Helder Câmara, mas tinha como tarefa contatar um estudante brasileiro para a realização de alguns estágios práticos na Europa (EINAUDI, 2004, p. 140). Outros brasileiros o conheceram em meados de 1965. O francês manteve contatos com diversas tendências políticas, encontrando-se clandestinamente com lideranças da UNE de São Paulo e do Rio de Janeiro, com militantes da VPR, e mesmo no Chile, se reuniu com brasileiros exilados (EINAUDI, 2004:140-141). Seu auxílio à luta revolucionária brasileira não se limitou apenas em conhecer a realidade brasileira, mas se inseriu na própria logística do exílio, naquilo que os revolucionários chamavam de "turismo político", quando quadros da Rede viajavam aos

12 Mattéi participou da Guerra da Argélia sobre a qual escreveu um livro, La Guerre de Gusses relatando os horrores que o Exército francês cometia em nome da República. Tornou-se posteriormente integrante da FLN e realizava importantes missões como se encarregar das saídas pela fronteira de muitos mensageiros. Para maiores informações Cf. MATTEI, Georges. *La Guerre des Gusses*. Paris: Balland, 1982. Mattéi se juntou à equipe do editor François Maspero para fundar a revista *Partisans*, da qual foi redator de seu editorial. Posteriormente, deixou o grupo para se integrar aos trabalhos da edição Cujas que patrocinou um caderno especial dedicado ao Brasil em sua coleção Homens e Ideias do Terceiro Mundo.
13 CUADRADO, Floréal. Entrevista [mar. 2014]. Entrevistador: Autor, 2014.

países do Terceiro mundo para emprestar seus conhecimentos.

3. As alianças latino-americanas

Se a união das esquerdas não aconteceu de forma permanente no Brasil, ela se deu de formas mais esparsas pela América Latina[14]. Se a Operação Condor atuava no Cone Sul, a solidariedade revolucionária colocou seus protagonistas diversas vezes em contato.

Se a rede de *Solidariedade* de Henri Curiel lançou seus braços na América Latina, possibilitando passagem e refúgio a muitos revolucionários, houve no Brasil e em outros países da América do Sul várias contribuições que permitiram muitas atividades entre militantes, a começar por facilitar o trânsito pela fronteira, dar guarida a outras organizações revolucionárias, providenciar armas, contingente e dinheiro, ou atuar conjuntamente nas denúncias contra a violência das ditaduras militares no continente.

Os esquemas de saída dependiam tanto da boa vontade de pessoas – em especial ligadas ao partido ou simpáticas a ele – quanto do compromisso estabelecido no interior das organizações de luta armada. Havia pelo menos três esquemas organizados de saída do Brasil. Um dominado pelos dominicanos em Porto Alegre, outro utilizado pelo Uruguai e ligado às forças brizolistas no período imediato ao golpe e a passagem pela ponta da amizade na Argentina[15].

Em parte conhecida, a colaboração dos dominicanos à Ação Libertadora Nacional (ALN) foi dar apoio logístico aos revolucionários. Encarregavam-se de esconder pessoas, cuidar dos feridos, levantar áreas para futura guerrilha – como foi o caso da região do Araguaia – e retirar pessoas do país. Funcionavam como propagadores da concepção política da organização, angariando simpatias e aumentando seus quadros. Frei Betto, chefe de reportagem da *Folha da Tarde,* por exemplo, integrou à organização o diretor de seu Jornal, o jornalista Jorge de Miranda Brandão, aliás, a primeira pessoa a ser retirada do país, pelo esquema montado pelos dominicanos na fronteira. Embora preso no Uruguai, sua relação com Frei Betto nunca foi descoberta. Jorge Miranda Brandão saiu do país levando uma mensagem de Carlos Marighella para Fidel Castro, costurada em sua gravata[16].

Pelos dominicanos saíram cerca de dez pessoas do país[17]. Frei Betto também afirma que levou

14 CORREIA, Itobi Alves. Entrevista. [maio 2012]. Entrevistador: Autor, São Paulo, 2012.
15Houve pessoas que deixaram o país pelo estado do Mato Grosso chegando à Bolívia, por exemplo, e outros que atravessaram sozinhos pelas fronteiras utilizando esquemas pessoais, como foi o caso de Carlos Eugênio Paz.
16Preso em Montevidéu, Jorge Miranda conseguiu se desvencilhar do documento atirando-o num vaso sanitário.
17 Cf. BETTO, Frei. *Batismo de Fogo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1987. BETTO, Frei Betto, [Mensagem Pessoal], São

armas e bombas para o Sul a pedido do dirigente da ALN, escondendo-as no Convento das Monjas Cônegas de Santo Agostinho. Mas, ressalta "eu podia estar morto, porque eu transportei sem nenhum preparo dentro do porta-malas de um fusca[18]". As armas se destinavam à montagem de uma base da organização no estado do Paraná.

O esquema de fronteira foi montado através de uma rede, que contou com a solidariedade de outras pessoas ligadas à organização ou de padres interessados em preservar a vida dos perseguidos, desconhecendo suas relações com Carlos Marighella. Os militantes utilizavam então, a Paróquia de Piedade como ponto de passagem. Como afirmou Frei Betto: "nunca saí da área da grande Porto Alegre e nunca viajei com ninguém para Santana do Livramento, nem para Rivera[19]". Os croquis dando as instruções geográficas sobre a saída de pessoas foram elaborados por um estudante jesuíta que fora à fronteira. A saída entre Brasil e Uruguai utilizava uma rua que dividia os dois países entre Santana do Livramento (no Brasil) e Rivera (no Uruguai). De Rivera os militantes iam de ônibus a Montevidéu. Pessoas como o *Sr. Braz*, um funcionário da Aduana, era o contato através do qual se conseguia documentos para a entrada de brasileiros no país.

Voltando ao Brasil depois de expulso em 1967 pelo governo militar brasileiro, o escritor e militante Conrad Detrez, contou com a ajuda de Frei Betto para se encontrar com Marighella clandestinamente. Foi Frei Betto quem permitiu que Detrez realizasse a última entrevista em vida de Carlos Marighella, publicada na revista *Front* em novembro de 1969.

A *Livraria Duas Cidades* era também um ponto de apoio da militância, através da qual os freis dominicanos ajudavam militantes perseguidos, conseguiam documentos e davam apoio àqueles que haviam sido torturados[20].

A região sul do país, através de estancieiros que tinham ligação com o Partido Comunista ou com o governo de João Goulart também foi utilizada como rota de fuga. Havia gente comprometida em dois jornais de tendências trabalhistas em Santana do Livramento como *A Plateia* e *Folha Popular*. O proprietário da Folha, Ivo Caggiani, por exemplo, tinha contato com um funcionário da polícia civil que providenciava documentos falsos.

Muitas famílias deram colaboração na fronteira. Eram brasileiros que também em fuga, fixaram-se em Rivera e serviram como pombo-correio ou realizavam demais tarefas para os militantes.

Paulo, SP. Mensagem recebida por <Autor› em 06 de maio de 2012.
18 BETTO, Frei. Entrevista. [maio 2012]. Entrevistador: Autor, São Paulo, 2012.
19Idem.
20Marighella podia contra com outras colaborações, como um funcionário no interior da própria polícia que fazia documentos falsos. O estúdio fotográfico montado por Frei Betto e por Carlos Eduardo Pennafiel Filho também se encarregava da produção de documentos.

Entre alguns nomes mais conhecidos, que colaboraram em 1964, logo após o golpe, em 1967 e 1968 estão Orlando Burmann ex-prefeito e deputado Estadual de Ijuí, que se instalou em Rivera em 1966. Como era temeroso embarcar em rodovia e ferrovia, o político usava seu carro para retirar gente. Burmann fez parte da resistência de Brizola e realizou várias viagens ao Brasil para estabelecer contatos em quartéis, sob a capa de vendedor de consórcio de carros (ASSEFF, 2009, p.113).

Romeu Figueiredo de Mello trabalhava com processamento de café na fronteira, tinha sido militar da FEB e lutado na Itália. Pela sua casa passaram Jeferson Cardim, Alcyndor Aires e Oscar Fountoura Chaves (ASSEFF, 2009, p.141). Os irmãos Aquiles e Perseverando Santana Alves ajudaram Joaquim Câmara Ferreira, Roberto Morena, Armênio Guedes, Tarso Genro e Edmur Péricles Camargo a deixar o Brasil. Manuel Luiz Coelho ajudava uruguaios a entrarem no Brasil (ASSEFF, 2009, p. 154 e segs.)[21].

Outras redes também procuraram combater as ditaduras na América Latina, reunindo brasileiros a chilenos, uruguaios e argentinos. A chamada *Rede Vinicius*, fundada por um argentino da antiga Coluna Guerrilheira de Che Guevara, por exemplo, se responsabilizava pela retirada de militantes brasileiros do país[22]. Colaborava com esta Rede o professor Joel Rufino, que foi preso sob a seguinte alegação,

> O crime narrado na denúncia tem feição gravíssima, pois a prova indiciária, *si et in quantum*, revela que este réu, que é professor e criador de história, constituiu, com colaboração de outros acusados, uma 'agência' para facilitar a entrada de terroristas no país e propiciar a fuga de criminosos políticos, de notória periculosidade, até para o exterior, dificultando, por isso mesmo, a ação dos órgãos mantenedores da Segurança Nacional e facilitando, mediante tal prestação de serviços, as atividades dos fanáticos que tentam comunizar o Brasil[23].

Parte desta rede de apoio também contou com uma Casa de Repouso no município de Santo André (SP), onde os perseguidos pernoitavam como supostos "pacientes" para deixarem o país logo em seguida. Recados também foram levados para o exterior no interior de comprimidos de *optalidon*[24].

---

21 Outros nomes aparecem como parceiros de travessia como Nery Medeiros, Adan Fajardo, Francisco Fagundes e Antônio Apoitia Neto.
22 MOLES, Alfredo. Entrevista [jan. 2013]. Entrevistador: Autor. Barcelona, 2013. Cf. também o livro do jornalista Mário Magalhães, *Marighella*: o guerrilheiro que incendiou o mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 509-510. Alfredo acredita que conseguiu retirar aproximadamente cem pessoas do Brasil.
23 Arquivo Edgard Leuenroth (AEL-UNICAMP). Acervo Brasil Nunca Mais, Processo n° 203. SANTOS, Joel Rufino. Entrevista. [abr. 2012]. Entrevistador: Autor, Rio de Janeiro, 2012.
24 SOLITRENICK, Regina Elza. [abr. 2012]. Entrevistador: Autor, São Paulo, 2012.

Outras rotas de fuga ou de entrada no Brasil se não partiram do sequestro de aviões ou da captura de personalidades públicas, dependeram de planos arquitetados em torno da utilização de navios, da instalação de empresas de transporte, de pesqueiros ou madeireiras de fachada, de contatos com juízes federais, de simpatias com pessoal de empresas de aviação, (como no caso da ALN, da AIR France) ou das ajudas conseguidas junto a funcionários do corpo diplomático.

Estes últimos foram muito importantes também, sobretudo porque além da existência de uma lista de proscritos mantida em sigilo pelo Itamaraty[25], havia um debate constante – particularmente durante os sequestros de aeronaves – entre o Ministério Público e os Promotores Militares acerca do alcance da jurisdição penal brasileira, para atos que cometidos fora do país, tivessem efeitos no Brasil. Tentava-se com essa manobra jurídica conter a oposição brasileira no exterior somando-se a ela a presença de agentes do SNI nas embaixadas, agentes diplomáticos calados pelo medo de ver suas carreiras públicas prejudicadas, sem falar na ingerência dos serviços de segurança na vida privada dos brasileiros, abrindo suas correspondências, e realizando relatórios sobre os seus passos. Como afirmou Carlos Eduardo Senna Figueiredo, quando estava em Londres,

> Ninguém podia contar com o apoio dos serviços diplomáticos brasileiros. Salvo alguns poucos diplomatas que não logravam conciliar o sono, assombrados com o terror que lhes infundiam as possíveis maquinações dos exilados, os demais em geral os mais graduados nas embaixadas brasileiras da época, ignoravam a população exilada, deixando até mesmo de servir os filhos dos brasileiros no ostracismo[26].

Rompendo este "muro, este silêncio e esta conspiração", Itobi Alves Correia destaca a ajuda prestada pelo cônsul Washington Luís de Souza Neto, neto do Ex-presidente Washington Luís, em conseguir documentos e passaportes para os brasileiros em Paris[27]. Foram estes funcionários "transgressores da lei e da ordem" que salvaram vidas, ajudando, por exemplo, a agilizar um processo de cidadania estrangeira, em especial para militantes com direito à dupla nacionalidade que estavam sendo massacrados nos porões do regime[28], levando notícias do Brasil ao exterior, permitindo vistos com maior urgência, traduzindo denúncias, conseguindo passagens e roupas para os perseguidos. O que permitia isso era a invisibilidade estratégica destas atividades, e o fato destas pessoas viverem legalidade.

Um caso interessante de solidariedade ocorreu, por exemplo, na Bolívia, quando um embaixador

25 SENNA, Carlos. Entrevista [jun. 2012]. Entrevistador: Autor, Rio de Janeiro, 2012.
26Idem.
27 CORREIA, Itobi Alves. Entrevista. [maio 2012]. Entrevistador: Autor, São Paulo, 2012.
28 Um exemplo deste caso foi o do militante da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) Ladislau Dowbor.

declarou uma pescaria no Lago Titicaca. Em uma madrugada muitos carros oficiais chegaram com suas bandeirinhas oficiais, aguardando dezenas de pessoas para serem levadas de barcos ao Peru. Enquanto metade dos funcionários da embaixada, davam cobertura para estas pessoas atravessarem o lago – por pontos menos visados pela polícia – outra metade deles, foi comprar peixe, na intenção de manter sob sigilo o trabalho de retirada destas pessoas[29].

Numa entrevista difundida pela *Frente Brasileira de Informações (FBI)* sede Argélia, Carlos Lamarca dizia: "não podemos separar a revolução brasileira do contexto revolucionário da América Latina. Cada país se constitui ao mesmo tempo numa frente e numa retaguarda para os outros[30]". Um exemplo dessa cooperação foi a implantação de Ernesto Che Guevara em território boliviano possibilitada por Farid Helou, militante brasileiro que organizou a chegada do argentino à fronteira[31].

No ano de 1967 estourou na Amazônia um movimento liderado por um venezuelano que estava em Manaus. Subindo o Rio Negro em um navio, pretendia-se levar cerca de vinte militantes de Manaus e Belém para treinamento de guerrilha nas selvas da Venezuela. Presos políticos que conviveram com este guerrilheiro no Presídio na Ilha Grande (RJ) souberam por conversas, que o militante realizava um trabalho junto aos índios ianomâmis para permitir uma rota de fuga para os guerrilheiros. Os jornais da época noticiavam que o grupo, composto por estudantes e demais simpatizantes, estava "lançando a semente da rebelião no extremo norte do país[32]".

Tupamaros e brasileiros também se uniram em denúncias na América do Sul contra a entrada clandestina de comandantes nazistas no continente e encabeçaram campanhas de boicote às empresas alemãs, que também se beneficiavam do "milagre econômico" brasileiro como Daimler-Benz, BASF e Volkswagen[33].

No Brasil José Luiz Del Roio deu colaboração aos revolucionários argentinos da FAP (Fuerzas Armadas Peronistas) que haviam realizado em Tucumán a Guerrilha do Taco Ralo se refugiando

29 Depoimento de uma fonte que prefere manter seu anonimato.
30 Centro de Documentação e Memória da UNESP (CEDEM). *Front Brésilien d'Information* (FBI) n° 11, 15 de julho de 1970, p. 5-6.
31 Farid Helou foi membro do PCB e da ALN e esteve em Cuba em missões como cooperante. Entrevista de Itobi Alves Correia, São Paulo, 16 e 18 de maio de 2012.
32Nesse momento no Brasil estava sendo instalada a Zona Franca de Manaus, bem como se iniciavam as primeiras instruções de guerrilha na Selva com a implantação do CIGS (Centro de Instrução de Guerra na Selva), comandado pelo Tenente Coronel Jorge Teixeira também o Encarregado do Inquérito relativo ao grupo. Os fatos se passaram em Manaus, mas o processo foi feito no estado do Pará, na 8a Região Militar. Agradeço ao cineasta Aurélio Michiles pelas informações prestadas com relação ao episódio, sugestões de textos e por ter enviado o roteiro de seu filme. Igual agradecimento devo a Renato Tapajós e a Rômulo Noronha de Albuquerque.
33 APERJ, cx 598, maço 5, fl. 61. Documentos recentemente conseguidos junto ao governo alemão, no BStU Die Behörde des Bundesbeauftragten-STASI ARCHIV comprovam esta ligação. O serviço secreto da Alemanha Oriental estava bastante bem informado das relações entre a Alemanha Ocidental e o Brasil durante o regime militar.

no Brasil em 1965[34]. Foi também através da embaixada da Coréia do Norte em Cuba, que ele junto de mais dois companheiros de organização iniciaram as tratativas para a ALN enviar militantes para treinamento.

O Peru pelos condicionamentos geográficos recebia também muitos argentinos e bolivianos em luta contínua contra os seus governos. Enquanto um grupo melhor estruturado no país, os brasileiros puderam emprestar seu apoio a Montoneros e a alguns bolivianos do Exército Tupac Katari[35]. Uma rota de fuga alternativa também foi tentada pelos brasileiros no Peru, dada que as principais rotas de saída pela Argentina e Uruguai começavam a ficar comprometidas com as ameaças de golpe nos respectivos países[36]. A negociação com o governo peruano era realizada por Darcy Ribeiro e Luís de Almeida. Darcy possuía estatura moral e política para conseguir tal aproximação, pois havia sido assessor de Salvador Allende e responsável por escrever alguns discursos do presidente chileno[37].

Os contatos de Paulo Cannabrava na Bolívia foram trazidos de Cuba. Cannabrava foi um dos primeiros militantes da ALN a traduzir o livro de Régis Debray *Guerra de Guerrilhas* para difusão interna na organização. Divulgou amplamente o encontro da Organização Latino-americana de Solidariedade (OLAS) quando trabalhava na sede brasileira da agência *Prensa Latina*[38].

Como ele diz, "fui militante boliviano, fui militante peruano. Fazíamos reuniões com os Tupamaros, eu, o Neiva [Moreira] e o Carlos Sá, conspirando e andando na praia porque não podíamos conversar em praça pública[39]". Ação correspondente à dele também era encontrada junto aos revolucionários vizinhos, como afirma, "se eu quisesse entrar no Brasil, eu podia também contar com a ajuda dos Montoneros, conseguir documentação, etc[40]".

Régis Debray a pedido de Che Guevara tinha como tarefa, antes de sua prisão, encontrar-se Carlos Marighella no Brasil, para fortalecer os laços revolucionários[41]. O jornalista Paulo Cannabrava narrou em seu livro um encontro que existiu entre Carlos Marighella e o guerrilheiro

34 A FAP foi criada em 1968 sob a liderança de Envar Cacho El Kadri, da juventude peronista.
35 DEL ROIO, José Luiz. Entrevista. [abr. 2012]. Entrevistador: Autor, São Paulo, 2012. O grupo Tupac Katari foi o primeiro grupo a lutar pelos recursos naturais, pela terra e pelo território, lançando as bases do movimento indígena na Bolívia.
36 Apesar dos esforços o trabalho não teve resultados, pois o exército peruano começou paulatinamente a reforçar também suas fronteiras amazônicas. DEL ROIO, José Luiz. Entrevista. [abr. 2012]. Entrevistador: Autor, São Paulo, 2012.
37 CANNABRAVA, Paulo. Entrevista. [maio 2012]. Entrevistador: Autor, São Paulo, 2012.
38 Paulo Cannabrava foi correspondente da *Prensa Latina* no Brasil até 1968 quando deixou o país. Trabalhou posteriormente na *Radio Havana* em Cuba, na Agência *France Press* na Bolívia e no Peru foi editor do *El Nacional* e do *Expreso* de Lima. Gostaria de destacar que Carlos Marighella nunca foi adepto da teoria do foco. Em seus documentos ele destacava "a guerrilha não é um foco". O dirigente deixou isto bem claro em entrevista ao jornalista Conrad Detrez para a Revista *Front* em 1969.
39 CANNABRAVA, Paulo. Entrevista. [maio 2012]. Entrevistador: Autor, São Paulo, 2012.
40 Idem.
41 DEBRAY, Régis. Entrevista. [out. 2012]. Entrevistador: Autor, Paris 2012.

argentino:

> Nos primeiros dias de novembro de 1966, Che Guevara passou por São Paulo, a caminho da Bolívia. Foi recebido por Farid Helou e ficou hospedado no Hotel Samambaia, no centro da cidade, disfarçado de executivo uruguaio. Os cubanos sabiam que havia comunistas que estavam propensos à luta armada. Che Guevara reuniu-se longamente com Carlos Marighella e Câmara Ferreira, principais articuladores do grupo paulista de oposição ao Comitê Central do PCB que propunham a luta armada. Ao final, estabeleceram um acordo no qual os comunistas dariam apoio logístico à passagem de revolucionários e armas por território brasileiro e ganhariam o esquema de comunicação entre Che e Cuba (CANNABRAVA, 2003, p. 110).

O Partido Comunista brasileiro tinha relações com o Partido Uruguaio, com o Partido Paraguaio que inclusive, segundo Cannabrava, chegou ao Brasil para fazer fundos para a revolução paraguaia. Os primeiros bancos *expropriados* segundo ele, o foram por paraguaios[42].

Não podemos desprezar os contatos entre os partidos comunistas mundo afora. Sua máquina era bem organizada com células, contatos e até a prosaica, mas necessária conta bancária. Saber utilizar esta estrutura era fundamental para a articulação guerrilheira latino-americana. Como afirmou Cannabrava, a frase dita em outros países "eu sou um comunista brasileiro" abria portas. As ligações entre o PCB e os outros partidos comunistas o levaram a Coréia do Norte, Iugoslávia, Tchecoslováquia, Itália, Argélia, e Moscou aonde em suas palavras, ele chegava para "cobrar fidelidade[43]". Segundo diz, se Cuba era elemento de ligação, "eu não precisei de Cuba para articular com os argentinos[44]". Do apoio dos Partidos Comunistas europeus e latino-americanos ele conseguia passaportes, passagens, ajuda financeira, rotas de saída e entrada e divulgação da luta brasileira. Foi ele quem, chegando a Cuba, por exemplo, levou o primeiro documento escrito pelo Pronunciamento do Agrupamento Comunista de São Paulo que viria a se tornar a ALN posteriormente[45].

Luiz Carlos Prestes, por exemplo, continuava sendo o quadro de referência para o Partido Comunista Italiano (PCI**),** e os contatos no mundo socialista continuaram a ser realizados em ajuda aos brasileiros a partir das ramificações de sua estrutura, como a Federação Mundial da Juventude Democrática, a Federação Sindical Mundial em Praga, a União Internacional dos

42 CANNABRAVA, Paulo. Entrevista. [maio 2012]. Entrevistador: Autor, São Paulo, 2012.

43 Paulo Cannabrava também esteve na Bolívia, Peru, Panamá e Nicarágua. Apoiador do Encontro de Lisboa, de refundação do movimento brizolista no PDT, Cannabrava declara que foi Omar Torrijos quem deu passagem para que os militantes que estavam no México e em Nova Iorque pudessem ir a Lisboa. Foram também os contatos estabelecidos na Argélia e com representantes dos movimentos revolucionários da África que surgiu a ideia dos *Cadernos do Terceiro Mundo.*

44Os argentinos a que Paulo Cannabrava se refere são os Montoneros, Partido Comunista argentino e o Exército Revolucionário do Povo (ERP).

45 Cannabrava foi trabalhar na Rádio *Havana Clube* por recomendação de Joaquim Câmara Ferreira. Em Frankfurt, Alemanha, Cannabrava deixou todos os escritos de Carlos Marighella para serem também publicados.

Estudantes na Hungria, a União Mundial de Mulheres em Berlim Oriental[46].

Quando houve a Batalha do Canal do Panamá, Cannabrava relata,

> […] pouca gente sabe é que estava tudo preparado para explodir o Canal. Em cada lugar do mundo que eu fui eu cheguei com o discurso de que tínhamos que ter o apoio internacional por uma luta de libertação. […]. Tudo que estava armado em função do Canal foi para a Nicarágua. 600 homens preparados foram para a Nicarágua[47].

O treinamento de brasileiros do II Exército em Cuba, também contou, por exemplo, com o reconhecimento de Fidel Castro da liderança de Joaquim Câmara Ferreira, após o assassinato o assassinato de Carlos Marighella[48].

Pelo acima exposto, observa-se que a solidariedade revolucionária foi alimentando e enriquecendo o inventário das lutas na América Latina, forçando acordos internacionais, mudando a paisagem política do século XX, criando uma identidade particular para cada grupo ou país envolvido. Falar sobre estas redes políticas móveis nos ajuda a compreender a gênese social e histórica deste combate que forjou laços revolucionários transnacionais. Na ânsia de continuarem e contrariando as condições para um recuo da luta por parte dos revolucionários, houve sempre quem os ajudasse.

Referências

AMARAL, Maria. Entrevista. [maio 2013]. Entrevistador: Autor, Champigny, França, 2012.

ARQUIVO EDGARD LEUENROTH (UNICAMP). Acervo Brasil Nunca Mais, Processo n° 203.

ASEFF, Marlon. *Retratos do Exílio*: Solidariedade e Resistência na Fronteira. Santa Cruz do Sul: Edunise, 2009.

AUSSARESSES, *Je n'ai pas tout dit*. Ultimes révélations au servisse de la France. Entretiens avec Jean-Charles Deniau. Paris: Éditions du Rocher, 2008.

BETTO, Frei. *Batismo de Fogo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1987.

BETTO, Frei. Entrevista. [maio 2012]. Entrevistador: Autor, São Paulo, 2012.

CANNABRAVA, Paulo. *No Olho do Furacão*: América Latina nos anos 60/70. São Paulo: Cortez, 2003.

CANNABRAVA, Paulo. Entrevista. [maio 2012]. Entrevistador: Autor, São Paulo, 2012.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP (CEDEM). *Front Brésilien d'Information (FBI)* n° 11, 15 de julho de 1970, p. 5-6.

CORREIA, Itobi Alves. Entrevista. [maio 2012]. Entrevistador: Autor, São Paulo, 2012.

CUADRADO, Floréal. Entrevista [mar. 2014]. Entrevistador: Autor, 2014.

DEBRAY, Régis. Entrevista. [out. 2012]. Entrevistador: Autor, Paris 2012.

DEL ROIO, José Luiz. Entrevista. [abr. 2012]. Entrevistador: Autor, São Paulo, 2012.

46 DEL ROIO, José Luiz. Entrevista. [abr. 2012]. Entrevistador: Autor, São Paulo, 2012.

47 CANNABRAVA, Paulo. Entrevista. [maio 2012]. Entrevistador: Autor, São Paulo, 2012. Cf. (CANNABRAVA, 2003, p. 254-274).

48 CORREIA, Itobi Alves. Entrevista. [maio 2012]. Entrevistador: Autor, São Paulo, 2012.

DETREZ, Conrad. *L'Herbe à brûler*. Paris: Calmann-Lévy, 1978.
DE WANGEN, Sylviane Abou. [jul. 2013]. Entrevistador: Autor, Paris, 2013.
DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social* [1893]. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
EINAUDI, Jean-Luc. *Franc-Tireur*. Georges Mattéi, de la Guerre d'Algérie à la guérilla. Paris: Éditions du Sextant, 2004.
GALLISSOT, René. *Henri Curiel*. Le mythe mesuré à l'histoire. Paris: Riveneuve Éditions, 2009.
GAUCHER, Roland. *Le Réseau Curiel ou La subversion humanitaire*. Paris: Éditions Jean Picollec, 1981.
KAMINSKY, Sarah. *Adolfo Kaminsky, une vie de faussaire*. Paris: Calmann-Lévy, 2009.
KAMINSKY, Adolfo. Entrevista [jun. 2013]. Entrevistador: Autor. Paris, 2013
MAGALHÃES, Mário. *Marighella:* o guerrilheiro que incendiou o mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012,
MARIGHELLA, Carlos. O Brasil será um novo Vietnã, Semanário *Front*, 3 nov. 1969 (*mimeo*).
MARX, Karl. A questão judaica. [1844]. Tradução da Editora Moraes. 2ª ed. São Paulo: Moraes, 1991.
MATTÉI, Georges. *Brésil*: pouvoir et luttes des classes. Hommes et idées du Tiers-Monde. Cahier 3. Paris: Éditions Cujas, 1966.
____. *La Guerre des Gusses*. Paris: Balland, 1982.
PERRAULT, Gilles. *Um Homme à Part*, Tome 2. Paris: Bernard Barrault, 1984.
MOLES, Alfredo. Entrevista [jan. 2013]. Entrevistador: Autor. Barcelona, 2013.
ROBIN, Marie-Monique. *Escadrons de la mort, l'école française*. Paris: Éditions la Découverte, 2004.
ROGALSKI, Michel; TABET, Jean. *Des Brigades Internationales aux sans-papiers*: crise et avenir de la solidarité internationale. Paris: Le temps des cerises, 1998.
SANTOS, Joel Rufino. Entrevista. [abr. 2012]. Entrevistador: Autor, Rio de Janeiro, 2012.
SENNA, Carlos. Entrevista [jun. 2012]. Entrevistador: Autor, Rio de Janeiro, 2012.
SOLITRENICK, Regina Elza. [abr. 2012]. Entrevistador: Autor, São Paulo, 2012.
WEBER, Max. [1920]. *Economia e sociedade*: fundamentos da sociologia compreensiva. Tradução de Regis Barbosa e Karen Barbosa. Brasília: UNB, 1999.
ZOLL, Rainer. *O que é solidariedade hoje?* Ijuí: Editora Ijuí, 1007.